

ECONOMIA/TEMA DO DIA

Economia - Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Investidores estrangeiros vêm ao Brasil lucrar com a taxa de juros elevada. Ingresso de dólares derruba cotação da moeda e intervenções do Banco Central não compensam excesso de oferta

Dez anos em oito meses

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Os investidores estrangeiros estão fazendo a festa no Brasil diante das altas taxas de juros praticadas pelo Banco Central. Quem aproveitou a disparada dos preços do dólar em maio do ano passado, quando a moeda americana chegou a ser cotada a R\$ 3,205, e colocou recursos no país acumulou, até ontem (ou seja, em oito meses), rentabilidade de 31,2%. Para obter rendimento semelhante nos Estados Unidos, os investidores teriam que ficar com o dinheiro aplicado por cerca de dez anos.

Segundo Francisco Carvalho, responsável pela mesa de câmbio da Corretora Liqueidez, é esse rendimento espetacular em dólar que está provocando a queda dos preços da moeda americana no país. "Os investidores ficam atentos e quando vêem juros tão elevados, como os brasileiros, mandam os recursos para cá. A grande oferta da moeda faz, então, os preços caírem", explicou. Ontem, dia em que o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa básica (Selic) em 0,5 ponto percentual — a quinta alta consecutiva desde setembro do ano passado —, o dólar caiu 0,29%, cotado a R\$ 2,710.

Nas contas de Carvalho, os investidores estrangeiros estão ganhando duas vezes ao aplicar no Brasil. A primeira, quando usam os reais para comprar títulos do governo. A segunda, quando recomparam dólares mais baratos do que quanto ingressaram no país. "A medida, porém, que as cotações do dólar forem se estabilizando, os ganhos dos investidores vão se res-

que fugiu do país rapidamente nos momentos de crise", ressaltou. "Teoricamente, não é um dinheiro bom, pois é de curto prazo. Mas não há como o governo proibi-lo de entrar no país."

Balança comercial

Para o economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, o lado mais perverso desse dinheiro de curto prazo é que ele pode, ao longo do tempo, prejudicar a balança comercial brasileira, cujo saldo, no ano passado, superou os US\$ 33 bilhões. É que, com os preços do dólar em baixa, os exportadores se sentem desestimulados a embarcarem parte de seus produtos para o mercado internacional. Ao mesmo tempo, os importadores se aproveitam para ampliar as compras no exterior. "Com a balança comercial prejudicada, o ajuste das contas externas — que reduziu as vulnerabilidades do país — fica prejudicado", destacou Thadeu.

O Banco Central tem procurado amenizar os efeitos da alta dos juros sobre o câmbio com a compra quase que diária de dólares no mercado. Somente nos primeiros 12 dias de janeiro, as aquisições somaram cerca de US\$ 1,1 bilhão. Em dezembro, quando retomou o processo de compras, o

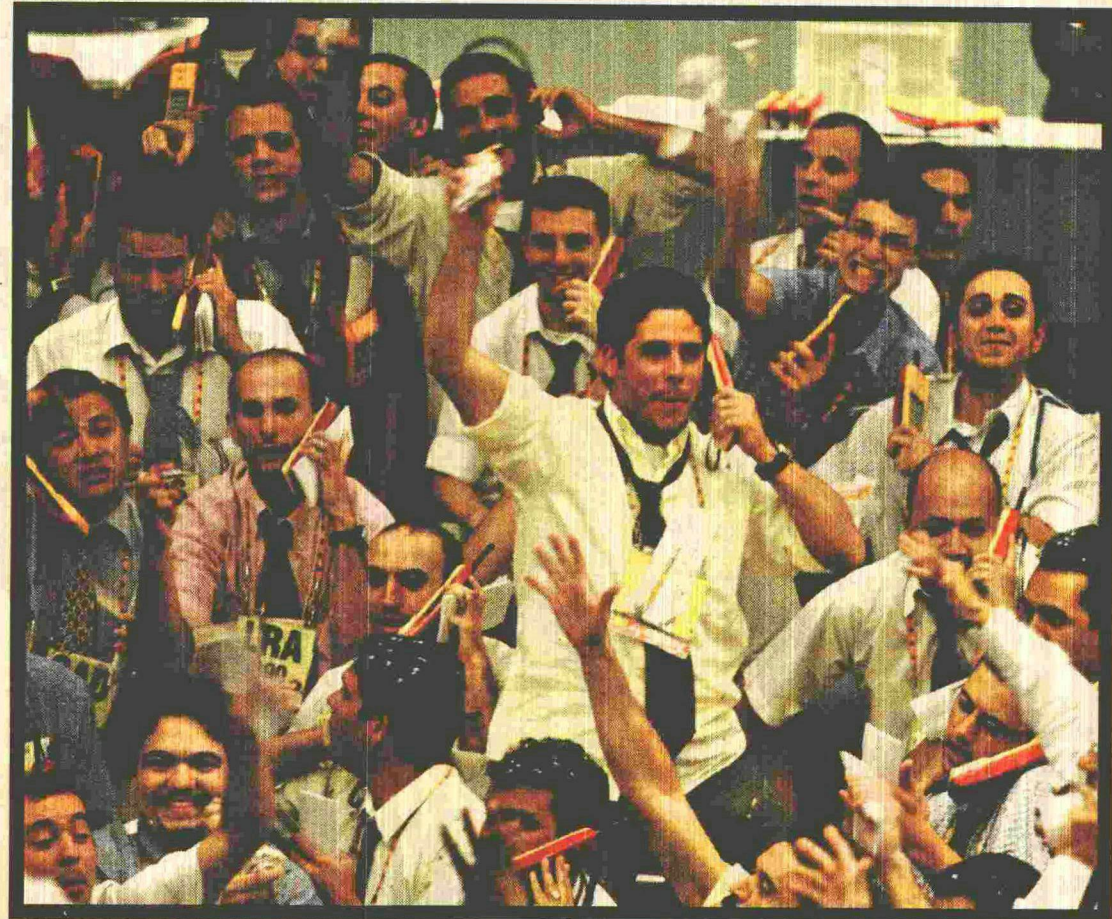
LUCRO
31,2%

É o ganho que o aplicador pode ter conseguido em oito meses

tringir aos juros. Mesmo assim, os retornos das aplicações serão expressivos", assinalou.

Carvalho lembrou que esse movimento aconteceu de forma expressiva durante os primeiros quatro anos do Plano Real, quando a moeda brasileira tinha valor muito próximo do dólar. "Foi o período em que Gustavo Franco presidiu o Banco Central. O Brasil acumulou um grande volume de reservas, dinheiro de curto prazo

Paulo Whitaker/Reuters 30.12.03



O AUMENTO DOS JUROS NÃO DESANIMOU O MERCADO E O OURO SUBIU 0,13% NA BOLSA DE MERCADORIAS E FUTUROS

BC adquiriu US\$ 2,7 bilhões, dinheiro usado para reforçar as reservas cambiais do país. O problema é que as intervenções do BC não estão sendo suficientemente fortes para retirar o excesso de dólares do mercado atraídos pelas altas taxas de juros.

O BC informou ainda que o movimento cambial, nas duas primeiras semanas do ano, foi superavitário em US\$ 904 milhões, resultado mais de duas vezes superior aos US\$ 392 milhões registrados em igual período de 2004. Nas operações comerciais, as exportações superaram as importa-

ções em US\$ 1,183 bilhão. Na conta financeira, houve saldo negativo de US\$ 54 milhões. Nas operações via CC-5, as contas de não residentes no país, o volume de remessas cresceu significativamente, resultando em um déficit de US\$ 225 milhões, quase três vezes maior que nos primeiros 15 dias de janeiro do ano passado.

Mercado

Apesar do aumento da Selic, de 17,75% para 18,25% ao ano, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) encerrou a quarta-feira com alta de 0,76%, nos

24.271 pontos. O movimento financeiro atingiu R\$ 1,12 bilhão. Os C-Bonds, títulos da dívida externa mais negociados no mercado internacional, subiram 0,18%, cotados a 101,06% acima do seu valor de face. Já os Global 40 foram transacionados a 113,15% do valor de face, com valorização de 0,13%. Com isso, o risco-país, que mede o humor dos investidores estrangeiros em relação ao Brasil, baixou 0,45%, para 437 pontos. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), o grama do ouro foi cotado a R\$ 36,90, com alta de 0,13%.